



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

JULIANA PAULA FERNANDES ALVES

DOCUMENTÁRIO
Carroceiras

JOÃO PESSOA

2022

JULIANA PAULA FERNANDES ALVES

DOCUMENTÁRIO

Carroceiras

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
Bacharelado em Jornalismo, da Universidade
Federal da Paraíba, em atendimento às
exigências para obtenção do Grau de Bacharel
em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a Dra. Fabiana Cardoso de
Siqueira

JOÃO PESSOA

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A474d Alves, Juliana Paula Fernandes.
Documentário Carroceiras / Juliana Paula Fernandes
Alves. - João Pessoa, 2022.
38 f. : il.

Orientação: Fabiana Cardoso de Siqueira.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo - TCC. 2. Carroceiras - Documentário.
3. Mulheres carroceiras - João Pessoa, PB. 4. Produção
audiovisual. I. Siqueira, Fabiana Cardoso de. II.
Título.

UFPB/CCTA CDU 070 (043.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

ATA DE APROVAÇÃO

Este trabalho foi submetido à avaliação da Banca Examinadora composta pelos professores abaixo relacionados, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Aluno(a): Juliana Paula Fernandes Alves

Título do trabalho: Documentário "Carroceiras"

Aprovado em 6 de dezembro de 2022, com média 30,0 (DEZ)

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) orientador(a): FAGIANA LOPES DE SIBUEIRA

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo

Assinatura: _____

Professor(a) examinador(a): Suelly Maux

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo

Assinatura: _____

Professor(a) examinador(a): Patrícia Monteiro Aragão Mendes

Instituição UFPB

Assinatura: _____

RESUMO

Este trabalho relata o processo de construção do documentário "Carroceiras". A produção audiovisual foi realizada para a conclusão da graduação em Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba. O objetivo principal da obra é compreender como se dá o cotidiano e os modos de vida das mulheres carroceiras na capital paraibana de João Pessoa. Para embasar a elaboração do trabalho, pesquisamos referenciais teóricos sobre modos de vida, relações de gênero, atividade carroceira, documentário e foram também descritos os processos de pré-produção, produção e pós-produção. O produto final, de 10 minutos e 57 segundos, está disponível em https://youtu.be/m8DTMa_AYJk.

Palavras-chave: documentário; mulheres carroceiras; cotidiano; modos de vida.

ABSTRACT

This study reports the construction process of the documentary “Carroceiras”. The audiovisual production was carried out for the conclusion of Journalism course at the Federal University of Paraíba. This work aims to understand the quotidian and way of life of the women workers with animal-drawn vehicles in João Pessoa, Paraíba. For that purpose, it was used theoretical framework about way of life, gender relationships, animal-drawn vehicle activity, documentary and also was described the process of pre-production, production and post-production. The final product, has 10 minutes and 57 seconds, it is available at https://youtu.be/m8DTMa_AYJk.

Keywords: documentary; animal-drawn vehicle activity; quotidian; way of life.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 PARA CONDUZIR, CONCEITOS E DEFINIÇÕES	10
2.1 Modos de vida e cotidiano	10
2.2 Relações de gênero	11
2.3 Vida de carroceira, cena cotidiana	12
3 O DOCUMENTÁRIO	14
3.1 Modos de fazer	14
3.2 Documentário jornalístico	15
4 CARROCEIRAS: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA	18
4.1 Pré-produção	18
4.2 Produção	20
4.3 Pós-produção	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26
APÊNDICE A - Pauta de “Carroceiras”	29
APÊNDICE B - Termos de autorizações	30
APÊNDICE C - Roteiro de edição de “Carroceiras”	34

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a atividade carroceira passou a ser afetada pelas pressões impostas pelo ativismo dos direitos animais, que denuncia casos de maus-tratos com bichos usados para a tração das carroças. Por essa e outras questões, como a mobilidade urbana, por exemplo, o exercício profissional dos carroceiros vem sofrendo proibições.

Diversas capitais brasileiras, como Natal, Belo Horizonte, Curitiba e São Luís, intensificaram os debates sobre a prática carroceira na última década e passaram a estabelecer leis que impõem regras sobre esta forma de trabalho. Em João Pessoa, a discussão sobre o uso de animais para tração de carroças se acentuou em 2016, quando foi sancionada a Lei Nº 13/170¹, que proibia “o emprego de veículos de tração animal, a condução de animais com carga e o trânsito montado.”

A determinação favoreceu a criação, dias depois, da Associação Beneficente de Carroceiros de João Pessoa, a ABCJP². Após reivindicações da categoria, em 2018, a legislação foi flexibilizada³ e passou a proibir somente a circulação de carroças em vias onde trafega o transporte público. Desde então a profissão dos carroceiros se mantém em atuação na capital paraibana.

Em agosto de 2022, a Coordenadoria de Bem-Estar Animal da Secretaria de Meio Ambiente (Semam) de João Pessoa iniciou um processo de cadastramento dos veículos de tração animal no município. O objetivo da ação foi levantar dados sobre quantos carroceiros trabalham na capital paraibana e traçar o perfil desses profissionais. As informações coletadas, de acordo com a Semam, devem auxiliar nos estudos de outras opções de trabalho para os carroceiros.

Durante o cadastramento dos veículos de tração animal em João Pessoa, também foi realizada uma inspeção sanitária, com aplicação de vacinas e consulta médica veterinária, bem como a microchipagem dos animais. Esse último procedimento, conforme a Semam, serve para identificação e rastreamento dos bichos.

¹ Lei Nº 13/170, de João Pessoa. Disponível em:

http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/portal/wp-content/uploads/2016/02/2016_1512-1.pdf. Acesso em: 7 maio 2022.

² A Associação Beneficente de Carroceiros de João Pessoa (ABCJP) foi criada em fevereiro de 2016, quando uma lei municipal (nº 13.170/2016) proibiu o trânsito de veículos de tração animal, a condução de animais com carga e o trânsito montado nas vias públicas asfaltadas e calçadas de João Pessoa. Desde a publicação da norma, a ABCJP mantém diálogo com a Prefeitura para conservar a profissão.

³ Lei ordinária Nº 13.674. Disponível em:

http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/portal/wp-content/uploads/2019/01/2019_Ed_Especial_02-01.pdf. Acesso em: 14 nov. 2022.

Dados da ABCJP, em setembro de 2022⁴, apontavam que cerca de 270 carroceiros eram associados à organização, sendo menos de 20% da categoria formada por mulheres. O número, porém, é bem superior à quantidade de carroceiros cadastrados na Prefeitura de João Pessoa, que até novembro do mesmo ano era de 120 trabalhadores.

Os carroceiros têm, em média, uma renda mensal inferior a um salário mínimo, cerca de R\$ 1.200. Na maioria das vezes, essa é a principal ou a única fonte de renda de um grupo familiar, obtida através da venda de materiais reciclados, fretes e outros serviços.

De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)⁵, a atividade carroceira é reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Previdência (MTP). A função de “condutor de veículos de tração animal (ruas e estradas)” está registrada sob o código 7828-05. Porém, o reconhecimento pelo órgão não garante a regulamentação da profissão – que é realizada por meio de lei, submetida a apreciação pelo Congresso Nacional e sancionada pela Presidência. Todavia, é importante destacar que o reconhecimento por parte do MTP é uma ferramenta que incentiva a formulação de políticas públicas de emprego.

Em João Pessoa, aproximadamente 30 mulheres são associadas a ABCJP. De acordo com a organização, essas trabalhadoras possuem as próprias carroças e animais de tração, como cavalos e jumentos – os mais comuns.

O interesse de conhecer o cotidiano das trabalhadoras e trabalhadores carroceiros surgiu durante as aulas da disciplina “Estudos do Cotidiano e da Mídia”, componente curricular optativo ofertado pelo Curso de Jornalismo, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em setembro de 2021.

Durante a pesquisa para a elaboração deste trabalho, não foram encontradas produções jornalísticas audiovisuais ou estudos sobre a atuação de mulheres como carroceiras na capital paraibana. Assim, diante da ausência de investigações sobre essas profissionais, e considerando a importância delas para a construção das relações sociais, de gênero e de identidade da atividade carroceira, convém responder a seguinte questão: Como se dá o cotidiano e os modos de vida dessas mulheres em João Pessoa?

⁴ Levantamento repassado pela Associação Beneficente de Carroceiros de João Pessoa para esta pesquisa.

⁵ Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Disponível em: <http://www.mte.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>. Acesso em: 13 set. 2022.

Com o objetivo de responder o questionamento levantado, o presente trabalho se propôs documentar a construção das relações sociais e de gênero da atividade carroceira; além de compreender como ocorre a relação das mulheres carroceiras com alguns agentes sociais, como família, comunidade e governo. Para isso, foi registrado através de áudio e vídeo o contexto em que essas profissionais estão inseridas. O resultado final desta pesquisa é um documentário jornalístico, construído a partir de depoimentos e captação de imagens das mulheres carroceiras.

No segundo capítulo deste trabalho, são abordados os conceitos e definições de modos de vida, cotidiano e relações de gênero. Além de expor um breve histórico sobre a atividade carroceira e a prática dessa ocupação em João Pessoa, cidade onde o documentário foi realizado.

No terceiro capítulo, são apresentados os conceitos e os diferentes tipos de documentário, com base nas definições propostas por Bill Nichols (2016), Melo (2013) e Manuela Penafria (2001). Também foi abordada a diferença entre reportagem e documentário jornalístico. Neste capítulo, são destacadas ainda as características do documentário “Carroceiras”.

No quarto capítulo, são detalhados os estágios da construção deste produto audiovisual, abordando os processos de pré-produção, produção e pós-produção. Por fim, foram apresentadas algumas considerações e sugestões para trabalhos futuros.

2 PARA CONDUZIR, CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Para alcançar o objetivo estabelecido por este trabalho, faz-se necessária a definição de uma base teórica, com exposição de estudos que sirvam de fundamento para o desenvolvimento desta pesquisa. Nesse sentido, aqui será apresentada uma breve discussão sobre os conceitos de: modo de vida, cotidiano, relações de gênero e atividade carroceira.

2.1 Modos de vida e cotidiano

O conceito de modo de vida é observado já nas origens da sociologia, quando estudiosos analisaram a transição das sociedades tradicionais para o modelo industrializado ao longo do século XX. Essa concepção foi utilizada, principalmente, por autores que apontavam as transformações que as sociedades rurais passavam (BRAGA; FIÚZA; REMOALDO, 2017).

Para Rambaud (1969, apud BRAGA; FIÚZA; REMOALDO, 2017), o modo de vida rural foi absorvendo influências da sociedade urbana de maneira gradual e em ritmos diferentes para cada indivíduo. Assim, na percepção do autor, cada um montava seu estilo pessoal de vida, a partir de seus interesses e objetivos, escolhendo o que incorporar da cultura urbana.

A forma como o modo de vida do campo foi impactado pela urbanização também foi observado por Lefebvre (2008). Para ele, a urbanização dos modos de vida – ou “revolução urbana” – vai além das cidades, e se estende sobre o campo.

Décadas depois, estudos sobre “modos de vida” continuam a ser produzidos para compreender mudanças e transformações que as sociedades humanas atravessam. Exemplo disso é a contribuição de Gonçalves (2004) sobre um desdobramento do constructo *modo de vida* em duas perspectivas: condições de vida e estilo de vida. Conforme o autor, as condições de vida correspondem às determinantes e às condicionantes gerais da vida em sociedade. Já o estilo de vida é relativo às singularidades próprias da pessoa e de pequenos grupos, incluindo os seus hábitos, normas e valores.

À prática diária do ser humano, produzida e reproduzida no espaço e no tempo, é dado o nome de “cotidiano”. O termo foi definido pelo dicionário eletrônico *Michaelis* (COTIDIANO, 2015) como aquilo “que ocorre diariamente; diário; que é comum;

banal; conjunto de ações que ocorre com alguém todos os dias, de maneira habitual e sucessiva.”

No pensamento elaborado por Heller (2000), todas as capacidades dos indivíduos estão empenhadas no cotidiano. Por esse motivo, a autora afirma que “a vida cotidiana é a vida do homem inteiro”. Ela explica que:

A vida cotidiana é a vida de *todo* homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais ‘insubstancial’ que seja, que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente. A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias (HELLER, 2000, p. 17, grifo da autora).

A vida cotidiana é objeto de investigação científica de filósofos e sociólogos. Como pontuou Pais (1986, p. 10-11), “‘quotidiano’ [...] é um conceito que pode e deve ser tomado como fio condutor do conhecimento da sociedade.” É nas relações do cotidiano que as semelhanças, diferenças e disputas são estabelecidas. É na mobilidade presente na vida cotidiana que se dão as complexas interações dos princípios sociais e culturais dos indivíduos.

Nessa perspectiva, cabe à sociologia da vida cotidiana revelar a riqueza oculta no cotidiano sob suposta banalidade da rotina (PAIS, 1986). O desafio que se apresenta para esta ciência é o de mostrar “a vida social na textura ou na espuma da ‘aparente’ rotina de todos os dias” (PAIS, 2003, p. 31); em outras palavras, “alcançar o extraordinário do ordinário”, como expôs Lefebvre (1991, p. 44).

2.2 Relações de gênero

As relações sociais e de poder são constituídas histórica e culturalmente a partir de assimetrias, especialmente quando observadas sob o recorte de gênero. Nessa formação de sociedade coube ao feminino uma subordinação em relação ao masculino. Assim, o discurso de que as mulheres têm uma personalidade mais protetora, cuidadosa e frágil, esconde as construções patriarcais nas relações sociais. Essas desigualdades e assimetrias, que marcam a vida das mulheres, são objeto de estudo de pesquisas importantes no campo da Psicologia, Antropologia, Sociologia e História.

Vale destacar que nos últimos anos as construções sociais de gênero, masculino, feminino e outros, passaram por transformações que seguem reordenando os papéis desses atores na esfera social. Essas mudanças são resultado de um processo estabelecido pelas vivências socioculturais, construídas ao longo da vida.

Fontenele-Mourão (2006) pontua que:

Avanços alcançados nas últimas décadas, desde os movimentos das sufragistas, dos movimentos feministas e outros processos de inclusão social, ainda não foram suficientes para a eliminação de traços marcantes do sistema patriarcal que por tanto tempo dominou a mentalidade de nossa sociedade ocidental. Entendemos que tais desigualdades se manifestam de formas diversas em diferentes contextos sócio-culturais, locais e regionais e suscitam, por parte de mulheres e homens, diferentes reações, resistências e estratégias. (FONTENELE-MOURÃO, 2006, p. 23 e 24)

Segundo a autora, existem pequenas diferenças regionais e culturais com relação às percepções do papel da mulher no âmbito do trabalho. Mas, ainda assim, persiste um quadro geral de inferioridade feminina.

2.3 Vida de carroceira, cena cotidiana

O uso de transportes de tração animal no espaço urbano do Brasil está intimamente ligado a processos históricos. A migração rural-urbana da sociedade, observada a partir do século XX, é um exemplo que auxilia nessa compreensão. Nos dias atuais, apesar das transformações e evoluções dos meios de transportes, as carroças continuam fazendo parte do cotidiano de algumas cidades do país.

Em João Pessoa, de acordo com a Associação Beneficente de Carroceiros (ABCJP), nos primeiros meses de 2022 mais de 270 trabalhadores eram filiados à organização. Esse número é bem próximo do levantado por Silva (1991), que durante sua investigação apontou que cerca de 300 carroceiros circulavam no perímetro urbano da capital paraibana no início da década de 1990.

O uso de carroças de tração animal em João Pessoa começou a ser usado nos últimos anos do século XIX (SILVA, 1991). Nessa época, foi inaugurado o serviço de bondes a burro⁶, que tinha como finalidade transportar cargas e também era usado como meio de locomoção de lazer. Segundo Silva (1991, p.11), “com a inauguração do primeiro serviço de bondes de tração animal, o transporte de tração animal entrava em definitivo na vida cotidiana da capital e de seus habitantes.”

⁶ Conforme Silva (1991), a empresa *Ferro Carril* foi quem inaugurou o tráfego provisório dos bondes em João Pessoa, no dia 6 de junho de 1896.

Nos dias de hoje, carroças puxadas por animais continuam sendo utilizadas como meio de transporte e/ou trabalho. Os carroceiros têm no exercício da atividade a principal ou a única fonte de renda mensal de um grupo familiar, que em geral é inferior a um salário mínimo, de pouco mais de mil reais. A maioria desses trabalhadores utiliza a carroça para transportar materiais recicláveis recolhidos nas ruas, fazer transporte de entulhos e fretes.

Nessa rotina, em João Pessoa, também são observadas mulheres carroceiras, sozinhas ou acompanhadas da família. Elas são minoria na atividade e estão inseridas em um contexto de lutas diárias para reafirmação da profissão. Enquanto esposas, mães e avós, as mulheres carroceiras são vistas como “guerreiras” pela família⁷, que reconhece na atuação feminina uma resistência dentro da profissão – exercida predominantemente por homens.

Na maioria das vezes, as mulheres que se tornaram carroceiras em João Pessoa tentaram outras formas de trabalho antes. Assim, não é difícil encontrar trabalhadoras que mencionam a falta de alternativas de emprego como motivo para estarem carroceiras. Essa desvalorização da profissão, observada na própria categoria, também atinge outros níveis da sociedade e é refletida no preconceito e discriminação contra essas trabalhadoras.

É importante dizer que, em geral, as mulheres carroceiras estão classificadas como sendo de baixa renda pelo Governo Federal. Essa condição reconhece famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza, e permite a elas o acesso a programas de assistência social, como o Auxílio Brasil⁸.

No próximo capítulo, abordamos alguns conceitos de documentário que serviram para embasar este trabalho e detalhamos as características da produção audiovisual “Carroceiras”, que trata sobre mulheres que atuam como carroceiras em João Pessoa.

⁷ Durante conversas com as carroceiras e as famílias delas, para a elaboração deste trabalho, o termo “guerreira” foi citado com frequência.

⁸ O Auxílio Brasil é um programa social do governo de Jair Bolsonaro, e sucede o Bolsa Família. Entre as ações do programa, está um benefício de R\$ 600, destinado às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza do país. O programa é coordenado pelo Ministério da Cidadania.

3 O DOCUMENTÁRIO

Em *Introdução ao documentário*, Nichols (2016) apresenta uma síntese de seu pensamento sobre a narrativa documentária, uma das formas de se fazer cinema. Na compreensão dele, o documentário envolve pessoas reais que se apresentam como elas mesmas em histórias sobre as vidas, as situações e os acontecimentos representados (NICHOLS, 2016). O documentário, portanto, se constitui em uma realidade social. Por esse motivo, é classificado como um filme de não ficção.

Para Nichols (2016, p. 35), na produção de um documentário “os atores sociais, as pessoas, apresentam-se de maneira fluida, negociada, reveladora. Não desempenham papéis nem interpretam personagens inventados por outrem”. Segundo ele,

as ‘pessoas’ são tratadas como atores sociais, não como atores profissionais. Os atores sociais continuam a levar a vida mais ou menos como fariam sem a presença da câmera. Continuam a ser participantes culturais, não artistas teatrais. Seu valor para o cineasta consiste não no que exige uma relação contratual, mas no que a própria vida dessas pessoas incorpora (NICHOLS, 2016, p. 64, grifo do autor).

Nessa perspectiva, Penafria (2001) destaca a diferença na natureza da relação estabelecida por um realizador de ficção e um documentarista com as pessoas que eles filmam.

Um realizador de ficção dirige os actores, é ele que constrói as personagens que os actores interpretam. É ele que decide como devem expressar-se. Um documentarista não dirige actores, não constrói personagens (pode sim, transmitir uma determinada imagem das suas personagens - intervenientes). (PENAFRIA, 2001, p.1)

Melo (2013) também identifica diferenças entre o documentário e o cinema de ficção. Para a autora, a distinção mais marcante entre essas duas produções é a maneira como elas são escritas. Conforme Melo (2013, p. 26), “o percurso para a produção do documentário supõe uma liberdade que dificilmente se encontra em qualquer outro gênero.” Isto é, a construção do documentário acontece durante o processo de produção, diferentemente do cinema de ficção. Nesse sentido, embora exista um roteiro, o produto final só é definido com as filmagens, a edição e a montagem (MELO, 2013).

3.1 Modos de fazer

O desenvolvimento e aperfeiçoamento de técnicas e tecnologias ao longo tempo trouxeram à prática documental características específicas sobre os modos de produção. A partir de uma organização feita por Nichols (2016), existem seis principais modos de

fazer documentário: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. Conforme o autor, cada um com ênfases técnicas ou recursos cinematográficos diferentes.

Para ele, cada modo enfatiza uma característica do documentário audiovisual. O *poético* destaca os padrões visuais e as passagens descritivas; o *expositivo* realça o comentário verbal e uma lógica argumentativa; já o modo *participativo*, como o termo sugere, enfatiza a interação do cineasta com aqueles que ele filma.

Ainda segundo Nichols (2016), os documentários que evidenciam o cotidiano das pessoas filmadas são classificados como *observativos*. Enquanto os que chamam atenção para as suposições e convenções são os *reflexivos*. E os documentários que enfatizam o aspecto subjetivo ou expressivo do engajamento do cineasta com o tema do filme são *performáticos*.

Apesar de cada tipo possuir especificidades, dificilmente uma produção revela apenas um modo constituinte. Isso porque os modos se sobrepõem e se misturam, produzindo “documentários híbridos”. Na prática, os modos da narrativa documentária podem combinar harmoniosamente ou um exercer maior influência do que outro no produto (NICHOLS, 2016).

3.2 Documentário jornalístico

A aproximação entre o jornalismo e o documentário é estudada por autores que investigam as particularidades do documentário jornalístico. Essa modalidade de audiovisual foi objeto de estudo de Pinto (2011) que, através de um levantamento de 14 produções de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) em graduações em Jornalismo, apontou características persistentes neste modo de prática documental. A pesquisa dela foi realizada a partir de documentários produzidos nas seguintes instituições: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Faculdades Integradas do Brasil (Unibrasil) e Universidade de São Paulo (USP). Pinto (2011) observou três elementos presentes tanto no jornalismo quanto no documentário: a entrevista, os padrões de abordagem e a questão etnográfica.

Instrumento do fazer jornalístico, a entrevista é o recurso que aproxima o jornalista – e, neste caso, também o documentarista – da realidade, através do contato com as fontes e da apuração das informações. Sobre as formas de abordagens da prática jornalística e do fazer documental, estas podem ser sociais, antropológicas e históricas.

Já em relação ao método etnográfico, também citado pela autora, faz referência à capacidade de olhar sobre o “andar de baixo” da sociedade, dando voz ao cidadão comum muitas vezes marginalizado pelo jornalismo de mercado (NEVEU, 2006).

Apesar das aproximações, é importante diferenciar o documentário da reportagem telejornalística. De acordo com Spinelli (2012), o elemento chave que diferencia estes gêneros é o papel do repórter na constituição da informação. Segundo a autora,

o repórter, como o próprio nome diz, é o núcleo fundamental da reportagem. Não existe reportagem sem repórter. Já no caso do documentário, pode até existir uma pessoa ou mais na condução da história, porém o modo como ela aparece no vídeo não precisa apresentar os princípios de imparcialidade e objetividade jornalísticas. Diferente dos documentários em que a importância de um olhar reflexivo e autoral sobre determinados problemas da sociedade costuma ser o fio condutor de uma narrativa, que tem como meta uma maior conscientização e aprofundamento do que é mostrado, a reportagem prioriza a informação. Na reportagem informativa os fatos são organizados de maneira linear por meio de elementos da linguagem audiovisual - *offs*, passagens e sonoras - com o intuito de fazer com que o espectador entenda perfeitamente as informações transmitidas, de uma maneira didática, imparcial e objetiva, que faz com que não haja nenhuma dúvida ou indagação sobre os eventos transcorridos na tela. (SPINELLI, 2012, p. 3, grifo da autora)

“Carroceiras” é uma produção que se diferencia da reportagem telejornalística pela ausência da condução de um repórter no vídeo, e por ter sido produzido para ir além do espaço que a reportagem ocupa.

O produto audiovisual fruto deste trabalho se classifica no formato de documentário jornalístico e carrega as características citadas por Pinto (2011). É uma produção construída a partir de entrevistas, com uma abordagem social e com o objetivo de dar voz às mulheres carroceiras de João Pessoa, pouco ouvidas pelos veículos de comunicação local.

De acordo com a classificação dos tipos de documentários proposta por Nichols (2016), “Carroceiras” foi desenvolvido a partir da junção de três modos de fazer. O produto combina os formatos expositivo (que evidencia a linguagem verbal); observativo (com ênfase no engajamento direto no cotidiano das pessoas filmadas) e reflexivo (que acentua a consciência da construção da representação da realidade).

Durante a pesquisa para a elaboração deste trabalho, foi observada uma escassez de produções sobre carroceiros em João Pessoa. Ao todo, foram localizados dois estudos: um sobre a circulação de carroças de tração animal em João Pessoa (SILVA, 1991) e outro sobre o perfil dos carroceiros da capital paraibana (RODRIGUES, 2017). Nenhum deles com ênfase na atuação feminina na atividade carroceira.

Como consequência da falta de trabalhos sobre o tema, vale registrar que durante o processo de pesquisa por “mulheres carroceiras”, o navegador de internet Google sempre sugeria buscar por “mulheres carreteiras” (motoristas de carretas).

O documentário “Carroceiras”, por ser um obra audiovisual, seguiu as etapas de pré-produção, produção e pós-produção – comuns ao jornalismo e ao cinema documental. A fase de pré-produção, como o termo sugere, é o estágio inicial do trabalho, em que as ideias são desenvolvidas e as pesquisas começam a ser feitas. É nessa etapa que é desenvolvida a pauta, que funciona como bússola para o trabalho do realizador. O *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo* (1997, p. 214) define a pauta como sendo “a série de indicações transmitidas ao repórter, não apenas para situá-lo sobre algum tema, mas, principalmente, para orientá-lo sobre os ângulos a explorar na notícia.”

Com a pauta em mãos, são realizadas as filmagens durante a produção. E, por fim, é colocada em prática a pós-produção, quando é feito um levantamento do material gravado, a montagem do roteiro (texto que serve como base para a estruturação do conteúdo audiovisual) e a edição (ZETTL, 2017). Essas fases de “Carroceiras” são detalhadas no capítulo seguinte.

4 CARROCEIRAS: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA

O documentário “Carroceiras”, de 10 minutos e 57 segundos, fez uso das fontes orais para alcançar os objetivos propostos. O produto audiovisual deu voz às mulheres carroceiras, ouvidas através de entrevistas para analisar a construção das relações sociais e de gênero da atividade carroceira; compreender como se dá a relação dessas trabalhadoras com alguns agentes sociais (família, governo, entre outros) e registrar o contexto em que elas estão inseridas e o seu papel social.

Durante a elaboração do documentário, foram executadas as etapas de pré-produção, produção e pós-produção, visando a otimização do tempo e evitando transtornos. As atividades realizadas nestes estágios do desenvolvimento de “Carroceiras” são detalhadas a seguir.

4.1 Pré-produção

A escolha da temática abordada pelo documentário “Carroceiras” surgiu durante as aulas da disciplina “Estudos do Cotidiano e da Mídia”, componente curricular optativo ofertado pelo Curso de Jornalismo, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Na época (setembro de 2021), o Ministério Público da Paraíba (MPPB) ajuizou uma ação na Justiça pedindo o fim de uso de animais para tração de carroças nas ruas de João Pessoa⁹. Dias depois, a categoria organizou uma manifestação pela regulamentação da atividade carroceira na capital paraibana.

Pelo chamado “faro jornalístico”, naquele momento, senti a necessidade de ouvir os carroceiros que estavam com suas atividades ameaçadas. Para mim, ali se apresentava o extraordinário citado por Lefebvre (1991), a riqueza da vida social por baixo na suposta banalidade do dia a dia.

O protesto aconteceu no dia 23 de setembro de 2021¹⁰ e, estando presente na mobilização para fazer registros, decidi que queria – e deveria – dar voz àqueles trabalhadores e trabalhadoras (Figura 1) através do meu TCC.

⁹ Ministério Público da Paraíba (MPPB). Disponível em: <https://www.mppb.mp.br/index.php/31-noticias/meio-ambiente/23612-carrocas-na-capital-mppb-requer-na-justica-o-fim-da-exploracao-de-animais>. Acesso em: 20 set. 2022.

¹⁰ G1 Paraíba. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2021/09/23/carroceiros-protestam-em-frente-a-prefeitura-de-joao-pessoa-contrapedido-do-mp.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2022.

Figura 1 - Carroceiros durante protesto em João Pessoa, em setembro de 2021



Foto: Juliana Alves/autora do trabalho

O recorte de trabalhar somente com as mulheres carroceiras veio depois, durante conversas com o professor que ministrava a disciplina “Estudos do Cotidiano e da Mídia”. Por esse motivo, os registros que fiz da mobilização dos carroceiros, um ano antes de realizar o documentário, não foram acrescentados na produção audiovisual, pois já não era o foco do trabalho.

Em contato com a Associação Beneficente de Carroceiros de João Pessoa, consegui números telefônicos de algumas trabalhadoras associadas. Até a etapa de produção do documentário, mantive conversas pelo aplicativo de mensagens WhatsApp com pelo menos duas carroceiras. Elas, porém, desistiram de participar dessa produção.

Na busca por outras protagonistas para o documentário, consegui com a ABCJP novos contatos de carroceiras. Foi assim que comecei a conversar com Raquel Câmara Fidelis e Maria José Farias. Na busca por uma terceira carroceira, lembrei-me de Tereza Maria de Oliveira, que morava no mesmo bairro que eu havia morado, em João Pessoa. O primeiro contato com elas foi realizado por ligação telefônica. Foi assim que apresentei a proposta do trabalho e fiz o convite. Todas aceitaram participar da produção.

O encontro presencial com as carroceiras aconteceu nos dias 9, 12 e 26 de outubro de 2022. No primeiro dia, conversei com Raquel e, no segundo, com Maria José. Nesses contatos, falei sobre detalhes do documentário e aproveitei para conhecer

um pouco mais sobre as protagonistas da produção audiovisual. Já no terceiro, tive a oportunidade de me encontrar com Tereza Maria e no mesmo dia gravei com ela.

Raquel tem 32 anos, é mãe de dois filhos e estava grávida de seis meses durante o período de gravação. Casada, ela e o marido vivem em uma casa alugada, no bairro Mangabeira, em João Pessoa. Além da renda adquirida pela atividade carroceira, com a venda de materiais recicláveis, a família se mantém com benefícios de programas sociais do Governo federal.

Maria José tem 50 anos de idade e é mãe de dois filhos. Ela mora com uma das netas e o esposo, de 65 anos, no bairro Paratibe. Maria é carroceira desde os 16 anos e vive da renda adquirida com a venda de material reciclável, adubo orgânico e fretes. Ela também é beneficiária de programas sociais do governo.

Tereza tem 67 anos de idade, é solteira e vive da atividade carroceira há mais de 15 anos. Sem aposentadoria, a principal renda da família dela vem da venda de materiais recicláveis e consertos de estofados. Ele mora no bairro Jardim Veneza, zona oeste da capital paraibana.

Ao contrário de Tereza, as carroceiras Raquel e Maria José são associadas à ABCJP e também se conhecem.

Com a definição das mulheres carroceiras que fariam parte do projeto, elaborei uma pauta (Apêndice A) para auxiliar no processo de gravação. Nela, foram inseridas algumas perguntas que serviram para conduzir as entrevistas.

4.2 Produção

As entrevistas para o documentário “Carroceiras” aconteceram de forma presencial, nos dias 19, 22 e 26 de outubro de 2022, no turno da manhã. Todas tiveram como cenário principal as casas das entrevistadas. A escolha foi motivada pela própria proposta do documentário de apresentar o cotidiano e o modo de vida dessas trabalhadoras.

Para as filmagens, busquei seguir dois propósitos que havia estabelecido desde a concepção da ideia do documentário: primeiro, o que me interessava era a conversa, e não a “entrevista”. Em segundo lugar, registrar ao máximo o cotidiano das carroceiras e a realidade em que eu estava inserida. Afinal, não faria sentido para as carroceiras repetir algo que já tivessem falado para mim longe das câmeras.

Com esses princípios determinados, iniciei as gravações. A primeira conversa aconteceu com a carroceira Raquel Fidelis e durou cerca de uma hora e meia. Ela estava

à vontade, mas respondia às perguntas com poucas palavras. Essa situação dificultou a fluidez do diálogo, que sempre precisava de uma iniciativa minha para recomençar. Grávida de seis meses, e com uma gestação com riscos, Raquel evitou subir na carroça e ficou, durante toda a entrevista, sentada em uma cadeira de balanço.

Israel da Silva, esposo de Raquel, também participou da gravação. Ele mostrou os cuidados com o animal e explicou o dia a dia da profissão. A única resistência dele foi em assinar o termo de autorização de uso de imagem e som, por receio de perder um benefício financeiro de um antigo emprego. Após explicações sobre a finalidade do documento, Israel assinou o termo (Apêndice B).

Gabriel e Larissa, filhos do casal, eram tímidos e evitaram se aproximar do local onde estava acontecendo a gravação. No dia da entrevista, duas cunhadas e um primo de Israel também apareceram na casa dele.

Dias depois entrevistei Maria José, com quem tive a oportunidade de acompanhar o trabalho realizado por uma carroceira diariamente. Na ocasião, andei pela primeira vez de carroça. Em seguida, já na casa dela, iniciamos a gravação. A conversa com ela foi mais rápida em comparação com a de Raquel, e durou cerca de 35 minutos. Isso porque, na maioria das vezes, em uma resposta eram respondidos também outros questionamentos. Maria estava à vontade e, antes de começar a entrevista, fez manualmente um cigarro e fumou. No dia da gravação, uma neta e um sobrinho de Maria estavam com ela em casa e acompanharam a entrevista.

A terceira e última entrevista foi realizada com Tereza, que também estava tranquila e à vontade no momento da gravação. Assim como Maria, a conversa com ela fluiu com facilidade por aproximadamente uma hora e meia. Durante esse período, Tereza usou máscara de proteção facial, uma vez que ainda estávamos atravessando a pandemia de Covid-19¹¹. Ainda com ela, após a filmagem, tive a oportunidade de andar de carroça novamente.

Para as gravações, foram utilizados equipamentos cedidos pelo Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e também pessoais. As imagens foram feitas com um Osmo Pocket da DJI e um iPhone SE (iOS 16). Ao todo, foram gravadas aproximadamente duas horas de material. Para a captação de áudio, foi utilizado um microfone lapela sem fio, conectado a um aparelho

¹¹ A Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2. Com a evolução dos casos pelo mundo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou pandemia em março de 2020. Atualmente, pelo menos dez tipos de vacinas contra a doença estão disponíveis.

celular. Também foi usado um tripé. Nos dias de gravação, utilizei a pauta para dirigir e fazer as entrevistas. Ainda operei a câmera e administrei a captação de áudio.

Para chegar até as casas das carrocerias, utilizei o GPS (Sistema de Posicionamento Global, em português). Eu estava de motocicleta e, como duas das carrocerias moravam em ruas não pavimentadas, senti um pouco de dificuldade durante o percurso. Além disso, a falta de uma estrutura para transportar o tripé na moto foi um desafio.

Durante as gravações, estar atenta à captação correta de imagens e sons, simultaneamente, foi a maior preocupação. Isso porque era preciso ter certeza que o microfone estava captando as vozes das carrocerias sem ruídos e que a câmera estava gravando na qualidade máxima, em um bom ângulo e nivelada. Ao mesmo tempo, era essencial estar concentrada no diálogo que estava sendo construído, olhar no olho e ouvir com atenção.

Por outro lado, a disposição das carroceiras e a abertura que tive, para entrar na casa, conhecer o cotidiano e a intimidade delas, foi mais acessível do que eu acreditava. Durante os meus encontros com as carroceiras, fui repórter e pessoa; e me preocupava em não ser turista.

4.3 Pós-produção

Finalizadas as etapas de pré-produção e produção, deu-se início ao processo de pós-produção. Nesta fase, foram realizadas a decupagem¹² e a montagem do roteiro do documentário “Carroceiras” (Apêndice C). Essa etapa durou aproximadamente dez dias.

O roteiro é indispensável para a edição do material, porque nele são indicados os cortes dos vídeos, que em sequência darão sentido ao documentário. Uma das ideias que eu tinha era de começar “Carroceiras” com uma das protagonistas cantando – uma música que ela gostasse. Porém, nenhuma das mulheres se sentiu à vontade para isso. A escolha delas, evidentemente, foi respeitada. Nesse momento, recordei-me de uma lição de Nichols (2016, p.38): “a prática do cinema documentário é uma arena onde as coisas mudam”. Ou seja, nem sempre o que se planeja pode ser executado, pois estamos lidando com a realidade e com personagens reais.

¹² A decupagem é uma técnica utilizada nas produções audiovisuais, que consiste na divisão e planejamento do vídeo em planos e sequências. É feita uma revisão material gravado para que se decida os trechos que serão escolhidos para o processo de edição.

A edição de vídeo foi feita com a ajuda de Marcelo Xavier, profissional que contratei após a indicação de uma amiga. A primeira versão do documentário foi finalizada após sete dias. Recebido o material, foram feitas algumas alterações no roteiro, como cortes de cenas e acréscimos de novas imagens e ajustes de áudio. Assim foi feito até chegarmos à sétima versão do documentário. Nesse processo, também foram escolhidas a trilha e fonte das letras dos créditos.

A trilha do documentário é “Spanish Moss”, de Chris Haugen, e foi encontrada na biblioteca de áudio do YouTube¹³, que oferece diversas faixas e efeitos sonoros livres de direitos autorais. Nessa ferramenta, foi realizada uma busca com dois filtros: gênero e clima. Com esses critérios, a música escolhida está classificada como som ambiente e inspirador. A fonte dos caracteres que aparece no documentário é a “Dosis”, encontrada no Google Fonts¹⁴.

¹³ YouTube Studio. Disponível em: <https://www.youtube.com/audiolibrary>. Acesso em: 16 nov. 2022.

¹⁴ Google Fonts. Disponível em: <https://fonts.google.com/>. Acesso em: 19 nov. 2022.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar o documentário “Carroceiras” foi uma experiência muito intensa, desde a elaboração do projeto até a construção e finalização do roteiro. Apesar dos desafios, duas certezas fizeram toda a diferença nesse processo: a primeira, era que o tema do meu último trabalho na graduação em Jornalismo daria voz às pessoas pouco ouvidas pelos veículos de comunicação local; e a segunda, que isto seria feito através do formato que mais me entusiasma, o audiovisual. Sinto que expressões e silêncios valiosos não são revelados nas palavras escritas.

A prática documental me aproximou de uma realidade que atravessa o cotidiano de moradores de João Pessoa e que, muitas vezes, passa despercebida. Conhecer a história e acompanhar o trabalho de mulheres carrocerias foi um percurso de muito aprendizado, que mudou meu olhar sobre essa profissão e tornou mais sensível à forma como vejo minha cidade.

A experiência das gravações também me despertou para a pluralidade das mulheres carrocerias. Nenhuma delas era igual, cada uma era única e original. Nas entrevistas, por exemplo, diante das mesmas perguntas, percebi que as mulheres carrocerias com mais tempo na profissão gostavam mais do que faziam, eram mais espontâneas e pareciam estar mais à vontade.

Foi nesse momento que surgiu o maior desafio e, por consequência, o grande aprendizado das gravações: o silêncio. Ele não é um problema, especialmente em documentários. Mas aprender a lidar com a ausência de palavras é um processo contínuo.

Durante as gravações, percebi que quebrar o silêncio com uma pergunta não é a melhor saída. É preciso esperar, para ver como cada entrevistado vai sair do vazio de alguns segundos. Acredito também que essa é uma das estratégias para manter a honestidade da produção. O “não perguntar” em alguns momentos é uma das lições que carrego para produções futuras.

Outro grande aprendizado que tive enquanto filmava o documentário foi com relação ao manuseio dos equipamentos (luz, sombras, desnível, ruídos). Entendi a importância de verificar o nível de bateria e a capacidade de armazenamento dos gravadores, de som e imagem, e preparar um “Plano B” antes de chegar ao local de gravação.

No que diz respeito à captação de imagens, acredito que poderia ter gravado mais cenas das mulheres guiando as carroças. Porém, observando o contexto em que eu estava no momento das filmagens, compreendo que fiz o que era possível.

Por tudo isso, com a experiência de ter realizado “Carroceiras”, destaco para a importância da oferta de uma disciplina voltada para a produção de documentários na grade curricular do Curso de Jornalismo, da Universidade Federal da Paraíba. Este componente poderia ser ofertado em caráter opcional, com o objetivo de proporcionar aos interessados um aprofundamento nos conhecimentos e habilidades com manuseio de equipamentos, condução de entrevistas, montagens de roteiro e edição. Vale dizer que a prática documental também pode ser uma das áreas de atuação dos jornalistas.

Por fim, “Carroceiras” tem o objetivo de contribuir com o reconhecimento da profissão, a criação e adoção de políticas públicas para essas trabalhadoras bem como a produção de trabalhos e pesquisas futuras sobre essa temática. Como, por exemplo, estudos que envolvam a relação entre os (as) carroceiros (as) e os animais ou ainda a disputa entre os direitos dos animais e dos humanos.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, Gustavo Bastos; FIÚZA, Ana Louise Carvalho; REMOALDO, Paula Cristina Almeida. O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões. **Sociologias**, v. 19. p. 370-396, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/WTrTjtdQCVfVXNdHchQRmgk/?lang=pt>. Acesso em: 5 abr. 2022.
- COTIDIANO. In: MICHAELIS, **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos. 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 1 maio 2022.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FIGUEIRÔA, Alexandre; BEZERRA, Cláudio; FECHINE, Yvana. O documentário como encontro: entrevista com o cineasta Eduardo Coutinho. **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**, n. 6, 2003. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1348/833>. Acesso em: 7 abr. 2022.
- FONTENELE-MOURÃO, Tânia Maria. Mulheres no topo de carreira: Flexibilidade e persistência. Brasília: **Secretaria Especial de Políticas para Mulheres**, 2006. 92p. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/arquivos-diversos/publicacoes/publicacoes/topo-carreira-fim.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.
- FROCHTENGARTEN, Fernando. A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 125-138, mar. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772009000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 6 nov. 2022.
- GONÇALVES, Aguinaldo. Em busca do diálogo do controle social sobre o estilo de vida. In: VILARTA, Roberto (Org.). **Qualidade de vida e políticas públicas: saúde, lazer e atividade física**. Campinas: IPES Editorial, 2004. p. 17-27. Disponível em: https://www.fef.unicamp.br/feff/sites/uploads/deafa/qvaf/qualidade_politicas_publicas_cap2.pdf. Acesso em: 5 abr. 2022.
- GUERRA, Isabel. Modos de vida: novos percursos e novos conceitos. **Sociologia - Problemas e Práticas**, n. 3. p. 59-74, 1993. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/932/1/6.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2022.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Editora Ática, 1991.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. O documentário como gênero audiovisual. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 5, n. 1/2, p. 25–40, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24168>. Acesso em: 18 set. 2022.

MORAIS, Adriana; MARTINELLI, Bruna Carrasco; CABREIRA, Lucimaira. As mulheres e o trabalho: que espaço elas ocupam? **Akrópolis Umuarama**, v. 20, n. 3, p. 187-202, jul./set. 2012. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/4873/2838>. Acesso em: 15 maio 2022.

MORAIS, Sérgio Paulo. **Correndo mundo**: trabalho e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia (1970/1999). 1999. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1999. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/20750/1/CorrendoMundoTrabalho.pdf>. Acesso em: 15 maio 2022.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Tradução de Mônica Saddy Martins. 6 ed. Campinas: Papirus, 2016.

PAIS, José Machado. Paradigmas sociológicos na análise da vida cotidiana. **Análise Social**, v. 22, n. 90, 1986. p. 7–57, Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41010512>. Acesso em: 1 maio 2022.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana, enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. Universidade da Beira Interior, 2001. Disponível em: <http://www.filmes.seed.pr.gov.br/arquivos/File/Opontodevistadofilmedocumentario.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2022.

PINTO, Cíntia Xavier da Silva. **O documentário como produção jornalística**: nos limites da pesquisa experimental em trabalhos de conclusão em jornalismo. 2011. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Unisinos, São Leopoldo, 2011.

RODRIGUES, Daniela Santa Rosa. Utilização de veículos de tração animal na cidade: um estudo sobre o perfil dos carroceiros da cidade de João Pessoa. **Alas**, 2017. Disponível em: https://www.easypanners.net/alas2017/opc/tl/2950_daniela_santa_rosa_rodrigues.pdf. Acesso em: 18 nov. 2022.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Territórios do uso: cotidiano e modo de vida. **Revista Cidades**, v. 1, n. 2. p. 181-206, 2004. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/cidades/article/view/12539/8030>. Acesso em: 5 abr. 2022.

SILVA, Adeildo Cabral da. **A circulação de carroças de tração animal na cidade de João Pessoa**. 1991. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1991.

SPINELLI, Egle Muller. Jornalismo Audiovisual: Gêneros e Formatos na Televisão e Internet. **Revista ALTERJOR**, v. 2, n. 6, jul/dez. 2012, 1-15 p. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88269>. Acesso em: 20 set. 2022.

STREY, Marlene Neves. Gênero. *In*: JACQUES, Maria da Graça Correa *et al.* **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2008. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/ssxnn10>. Acesso em: 15 maio 2022.

VARGAS, H. Documentário: um desafio no aprendizado do jornalismo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 1, n. 7, 22 jun. 2010, p. 107-131. Disponível em: <http://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/119/58>. Acesso em: 18 set. 2022.

ZETTL, Herbert. **Manual de produção de televisão**. Tradução de Fernanda Troeira Zuchini. 12. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

APÊNDICE A - Pauta de “Carroceiras”

MULHERES CARROCEIRAS	
Produtora/repórter	Juliana Alves
Data/Local	Outubro, João Pessoa-Paraíba
Proposta	Pretende-se produzir, em formato audiovisual, um documentário jornalístico sobre o cotidiano e os modos de vida de mulheres carroceiras em João Pessoa. A produção será apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
Objetivo	- Analisar a construção das relações sociais e de gênero da atividade carroceira; - Compreender como se dá a relação das carrocerias com alguns agentes sociais, como família, comunidade e governo; - Registrar em vídeo o contexto em que as mulheres carroceiras estão inseridas e o seu papel social.
Entrevistadas	- Raquel - Maria José - Tereza Maria
Sugestões de perguntas e encaminhamentos	- Apresentação (nome, idade) - Quem são elas? (chefes de família, mães, avós) - Desde quando trabalham como carroceiras? - Como é o dia a dia da profissão? - Como são assistidas (associação, governo)? - O ser mulher na atividade carroceira - Medos, sonhos, planos - Existe alguma situação que marcou durante a atividade? - Gosta de cantar alguma música durante o dia a dia?

APÊNDICE B - Termos de autorizações**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTE****TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM**

Eu, Teruza Maria de Oliveira, nacionalidade _____,
estado civil _____, inscrito no CPF sob nº 207.488.924-00,
residente na Rua Francisco Rabelo, nº _____, no município de
João Pessoa/Paraíba, AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de
vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no documentário jornalístico sobre carroceiras, dirigido por
Juliana Paula Fernandes Alves.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em
todo território nacional e no exterior, sob qualquer forma e meios, como: folhetos em geral, cartazes,
mídia eletrônica (YouTube, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da
veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja
a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente
autorização em duas vias de igual teor e forma.

João Pessoa, 26 de outubro de 2022.

Teruza Maria de Oliveira

Assinatura

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Maria José Farias da Silva, nacionalidade Brasileira,
estado civil Solteira, inscrito no CPF sob nº 027.918.734-30,
residente na Rua Claudio Marcelo, nº _____, no município de
João Pessoa/Paraíba, AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de
vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no documentário jornalístico sobre carroceiras, dirigido por
Juliana Paula Fernandes Alves.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em
todo território nacional e no exterior, sob qualquer forma e meios, como: folhetos em geral, cartazes,
mídia eletrônica (YouTube, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da
veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja
a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente
autorização em duas vias de igual teor e forma.

João Pessoa, 22 de outubro de 2022.

Maria José Farias da Silva

Assinatura

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTE**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Raquel Câmara Fideis, nacionalidade brasileira,
estado civil solteira, inscrito no CPF sob nº _____,
residente na Rua Aquinoilton Raimundo Brito, nº 21, no município de
João Pessoa/Paraíba, AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de
vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no documentário jornalístico sobre carroceiras, dirigido por
Juliana Paula Fernandes Alves.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em
todo território nacional e no exterior, sob qualquer forma e meios, como: folhetos em geral, cartazes,
mídia eletrônica (YouTube, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da
veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja
a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente
autorização em duas vias de igual teor e forma.

João Pessoa, 19 de outubro de 2022.

Raquel Câmara Fideis
Assinatura

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Israel Joaquim da Silva, nacionalidade brasileiro,
estado civil solteiro, inscrito no CPF sob nº _____,
residente na Rua Agricultor Raimundo Brito, nº 21, no município de
João Pessoa/Paraíba, AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de
vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no documentário jornalístico sobre carroceiras, dirigido por
Juliana Paula Fernandes Alves.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em
todo território nacional e no exterior, sob qualquer forma e meios, como: folhetos em geral, cartazes,
mídia eletrônica (YouTube, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da
veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja
a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente
autorização em duas vias de igual teor e forma.

João Pessoa, 19 de outubro de 2022.

Israel Joaquim da Silva
Assinatura

APÊNDICE C - Roteiro de edição de “Carroceiras”

CENA	DESCRIÇÃO
Tereza Maria	"Se eu voltasse no tempo, faria tudo de novo. não me arrependo de ser carroceira. tenho prazer. Porque eu tenho minhas coisas, sem ser ninguém que me dê, sem tirar de ninguém, por Deus e pela carroça" “Eu sou tereza maria de oliveira, nasci no dia dez do seis de 55, e minha vida se chama trabalho e é o que eu gosto e o que quero” “Aprender, eu acho que já nasci sabendo, porque meu pai tinha animal e eu pequeninha só vivia em cima dos animais e andava de carroça com ele. Tinha uma burra, carregava água na burra, minha vida sempre foi assim. Só que no espaço que eu comecei a ter meus filhos, não tinha condição de comprar um animal, muito menos uma carroça, eu vivia de costura, de máquina de costura. Eu era costureira. Só que graças a Deus meus filhos cresceram, cada um para o seu canto, aí eu comecei a criar, comprei uma égua, uma carroça. Fui vendo que era melhor pra mim e abandonei a máquina de costura” “Tudo o que eu tenho, eu agradeço a Deus, primeiramente, a minha coragem e a carroça. Dela, eu cato reciclagem, pego sofá, entrego sofá, eu vendo um porco e vou entregar, compro um bocado de porco e vou pegar, compro carneiro e vou pegar. É assim, minha vida é de um machão mesmo” “Muita gente admira de eu ter essa idade e andar numa carroça, trabalhar. Mas se Deus me fez assim, se eu sinto coragem, é o que eu quero... Porque eu não tive direito a um emprego bom, o emprego que eu tinha era de costureira e era porque graças a Deus me deram oportunidade, porque eu não tinha curso nem nada, nunca fiz. Eu tenho 67 anos, não é, quem nasce em 55? Faz a conta. E não tive vidas boa, não. A vida que eu tive de interior, até os meus 19 anos e seis meses, era comer feijão, farinha, rapadura, carne”

	“A gente foi criado assim. Nunca tive vida de luxo, não sei o que luxo. Eu não sei o que é”
Maria José	“Nós não somos ninguém, não. Carroceiro não é ninguém pra o povo do mundo, não. Não é. Porque eles criticam a gente, diz que nós estamos maltratando os animais, certo. Eu sei que uma carroça dessa no espinhaço de um animal desse, pra nós acha que não é peso, é. É peso. Mas é o ganha pão da gente, só é não maltratar. Só é diminuir o peso, porque só a carroça já pesa” “Eu sou Maria José, me chamo Maria José. Sou carroceira desde os meus 16 anos, hoje em dia eu tô com 50. Trabalho nos meus estrume, caço a minha reciclagem. Não gosto de fazer mais nada sem ser o meu trabalho. Já estou bem acostumada, não tem sol e nem chuva. Eu saio tranquila, faço meu servicinho, ganho o dinheiro do meu feijão e pronto, não me preocupo com nada” “Vivo da carroça, eu ajudo meu filhos da carroça, do que eu ganho da carroça. Pego frete, boto areia, boto areia preta, boto adubo. O que aparecer na carroça, o que der pra mim fazer, eu tô fazendo” “Não sou aposentada, meu marido também não é aposentado. A renda da gente é da carroça. Porque ele é pintor, mas em todo tempo não tem pintura, né? Então ele se vira também na carroça, que ele também é carroceiro. Tem dia que arruma, tem dia que não arruma. Tem dia que arruma duas ou três coisas pra fazer, tem dia que não arruma nada. No tempo do inverno ninguém ganha nada, não é só ele não, eu também. No inverno nós sofre um pouco. E assim nós vamos vivendo” “Saio cedo, no máximo 7h30, chego de meio dia. Aí eu Vou almoçar e volto pra fazer a minha tarefa novamente. Vou até às seis horas da noite, paro, tomo meu banho, como o que tiver e vou dormir” “É muito puxado mesmo, viu? Não é brincadeira, não” "E às vezes eu faço aquilo e olho pra um homem, eu digo: 'Jesus, esse homem não vai fazer o que eu faço, eu sendo uma mulher? Porque tem muitas vezes que eu vejo isso. Eu vejo mesmo, porque quando eu passo num canto, dizem: a senhora bota areia? eu digo: boto. O senhor quer quantas carroças? quero cinco, seis, duas, três. Então eu vou pra dentro de um areeiro, gente. Vou pra dentro de um barranco de areia. E eu não vou tirar a areia por cima, eu caio dentro de um buraco e vou jogando a pá de areia pra a carroça. Igual um homem.”

	“Então eu encho ali três, quatro, cinco, seis carroças, depende do que o povo pedir, eu tô ali, dentro do areeiro. E não é um canto normal, é um buraco. Um buraco com quase um metro pra você mulher jogar uma pá de areia de baixo para cima é rojão. E isso eu faço com o maior prazer, eu faço” “Como eu tô com 50 anos agora, ainda me sinto forte. Mas vai passando o tempo, eu vou aumentando a idade e a força que eu tinha ontem, amanhã eu não vou ter. A fome que eu passo no mundo antes de eu chegar em casa pra comer alguma coisa, eu não vou mais aguentar passar aquilo que eu passei ontem. Então eu acho que daqui pra frente as coisas vai assentando um pouco. Porque a idade da gente, vamos chegando a velhice e não tem como não. Não vou fazer mais o que eu faço hoje, não vou subir numa carroça”
Raquel Câmara	“Meu nome é raquel, sou esposa de israel e estamos na batalha aí, com meu esposo, com os carroceiros” “No começo, achava ruim. No começo eu tinha vergonha. Mas depois que eu perdi a vergonha, hoje eu vou pra todo canto mais ele. Não tenho um tico de vergonha” "É um orgulho, né? mulher guerreira que ajuda seu marido dentro de casa, não fica só esperando por ele. Eu me sinto uma mulher guerreira” “Poderia ser melhor, né? Se as coisas mudassem, o governo aí, o prefeito ajudasse a gente” “Vem aluguel, água, luz, bujão, feira.. Aí vem despesa de menino. Aí tenho minnha bolsa família, que é do governo e o que ele tira”
Israel Joaquim	"A sorte da gente ainda é que ela tira esse dinheirinho do governo. Dá pra ajudar, né? Não dá pra ajudar muito assim, mas é uma força” "O nome dela é Maria, vai fazer oito meses que eu tô com ela. Oito meses, meu Deus? É. Tenho o documento dela, tudinho. Ave Maria aqui é o meu xodó”
Tereza Maria	“Mas eu me sinto bem porque, até hoje eu tenho um pouco de saúde, que eu acho que é primeiramente deus, segundo a carroça. Que eu tiro muito problema, eu estou com muito problema sobre família, sobre isso, aquilo outro. Eu monto na carroça, saio no meio do mundo, a égua basteirinha, vai ficando tudo pelos caminhos, eu volto em paz. Aí eu digo que a minha salvação aqui na terra é a minha carroça. Ela me tira muito estresse, muito problema que, se eu fosse enfrentar, dava briga.

	E eu na carroça, sai. É muito bom, você se sente você de verdade. Eu não me troco por muitas coisas da vida, não” “E se me tirarem essa carroça, é melhor tirar a vida” “Ela é meu tudo, me ajuda em tudo. tudo o que eu tenho é ela” “Bora subir. Bora, olha a carona. Vai? bora”
--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Discente: JULIANA PAULA FERNANDES ALVES

Matrícula: 20180030836

Título do Trabalho: DOCUMENTÁRIO “CARROCEIRAS”

Professor (a) orientador (a): FABIANA CARDOSO DE SIQUEIRA

Declaro, a quem possa interessar, que o presente trabalho é de minha autoria e que responderei por todas as informações e dado nele contidos, ciente da definição legal de plágio e das eventuais implicações.

João Pessoa, 12 de dezembro de 2022

Assinatura manuscrita em tinta preta, sobre uma linha horizontal.

Assinatura do (a) discente